

Narrativas norteadoras da dissidência da igreja Adventista do Sétimo dia Movimento da Reforma

*Narratives guiding the dissent of the Seventh-day
Adventist Church Reform Movement*

Kênia Moraes de Resende Moura¹

Resumo: O presente artigo é parte do corpus da pesquisa de dissertação de mestrado, onde se busca uma análise histórica sobre a Igreja Adventista do Sétimo Dia Movimento da Reforma. Compreender as razões que nortearam esta dissidência bem como as práticas ideológicas que se diferenciaram da Igreja Adventista do Sétimo Dia configura-se objetivo deste estudo, a partir de reflexões acerca do campo religioso apresentado por Bourdieu (1996). A pesquisa bibliográfica apresenta-se adequada na medida em que se busca evidenciar as motivações e conflitos que deram origem ao Movimento da Reforma. Busca-se reunir um conjunto de informações que instigam a pensar nas práticas de interação e identidade religiosa na contemporaneidade, bem como incentivar outras investigações acerca das mudanças ideológicas que culminam com a separação das instituições tradicionais.

Palavras-chave: Religião, Reforma, Dissidência.

Abstrac: This article is part of the corpus of master's dissertation research, where one seeks a historical analysis on the Seventh-day Adventist Church's Reformation Movement. Understanding the reasons for this dissent as well as the ideological practices that differed from the

Artigo recebido em: 28 fev. 2018

Aprovado em: 18 ago. 2018

¹ Mestranda em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (2018), Bacharel em Comunicação Social pela FAESA – ES (2004). 2018.

Seventh-day Adventist Church is an objective of this study, based on reflections on the religious field presented by Bourdieu (1996). The bibliographical research is adequate to the extent that it seeks to evidence the motivations and conflicts that gave rise to the Reform Movement. It seeks to gather a set of information that instigates to think about the practices of interaction and religious identity in the contemporaneity, as well as to encourage other investigations on the ideological changes that culminate with the separation of the traditional institutions.

Key words: Religion, Reform, Dissent.

Introdução

O presente artigo é parte do corpus da pesquisa de dissertação de mestrado, onde se busca uma análise histórica sobre a Igreja Adventista do Sétimo Dia Movimento da Reforma. Compreender as razões que nortearam esta dissidência bem como as práticas ideológicas que se diferenciaram da Igreja Adventista do Sétimo Dia configura-se objetivo central deste estudo, bem como estabelecer reflexões acerca do campo religioso conceituado por Bourdieu (1996), como espaço de conflito de ideologias.

Este trabalho tem como objetivo geral buscar o entendimento pelo vies dos pesquisadores das ciencias das religioes as razões que motivaram a dissidencia. Na busca por complementar e embasar as argumentações, a pesquisa bibliográfica apresenta-se relevante na medida em que outros pesquisadores desenvolveram aprofundamentos referentes ao Movimento da Reforma.

Observa-se na história das religiões e das suas diversas formas de estabelecimento em sociedade, a propagação da doutrina da IASDMR, que se mantém atuante na sociedade pela via das tradições. Não se busca apenas a investigação do movimento da religião em si, naturalmente ligada às práticas tradicionais que mantêm sua história e ideologia vivas, mas às demais articulações que são oriundas da inserção social e a interação com as demais esferas públicas e privadas na sociedade.

A escolha do *corpus* se alinha aos interesses da pesquisa por reunir um conjunto de informações que instigam a pensar nas práticas de interação e identidade religiosa na contemporaneidade. Tal interesse se justifica pelo inegável espaço que as religiões assumem na sociedade, não apenas como referenciais de conexão com o sagrado, mas como instituições que têm resistido às mudanças sociais e históricas e que se paramentam de ferramentas diversas para se manterem atuantes na vida dos sujeitos.

Percebe-se com este breve estudo, não apenas a necessidade de outros mais aprofundados, como também mudanças ideológicas que culminam com a separação das instituições tradicionais. A função ideológica da religião pode ser compreendida como um sistema simbólico de percepção do mundo, pois suas práticas são estratégias pelo domínio dos bens da salvação e também de um modo de ser, uma identidade social.

1. A IASDMR: tradição, reforma e modernidade

A igreja Adventista do Sétimo Movimento da Reforma é uma dissidência da Primeira Igreja do Sétimo Dia devido há uma divergência de opiniões dos membros da igreja por volta de 1860, pois cada qual parcela da igreja acreditava nas interpretações de Helen White de forma diferente.

Dissidências², controvérsias doutrinárias e rearranjos são uma constante em qualquer movimento religioso. Duas características sobressaem a esta situação. Primeiramente, os movimentos religiosos estão suscetíveis a fatores externos que o influenciam internamente. Depois, qualquer movimento religioso traz em si marcas de outros movimentos, o que lhe confere certa impureza ideológica. O cristianismo como as demais religiões, também é originalmente impura, pois é derivada do judaísmo e com forte influência da cultura helênica³.

² O termo envolve a divergência de uma política oficial, de um poder instituído ou decisão coletiva. Os dissidentes são, em geral, em pequeno número que optam por se excluir do grupo original. Ocorre em regimes autoritários e totalitários. No campo religioso, um exemplo de dissidência, deu-se na “Igreja Universal do Reino de Deus, quando nos anos de 1980 de seu interior surgiu a Igreja Internacional da Graça de Deus”. (MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais – sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005) e em 1998, a Igreja Mundial do Poder de Deus.

³ ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim – hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. 3^a ed. São Paulo: Arte, 2005, p. 81.

Atualmente a religião é um campo⁴ de mutações constantes e rápidas, se contrapondo a certa estabilidade do passado.

As grandes tradições religiosas apresentavam um campo religioso mais ou menos estável, com sujeitos fiéis as tradições ou, nos casos mais radicais, com rupturas dramáticas na passagem de uma tradição religiosa para outra. As opções religiosas também não eram muitas, e não era difícil de perceber suas fronteiras. Nas sociedades contemporâneas não há mais campo religioso estável, e os compromissos de longa duração deixaram de ser a norma⁵.

A origem da Igreja Adventista do Sétimo Dia – Movimento da Reforma não se mostra indiferente a estas características. As razões e controversas pelas quais o Movimento da Reforma como dissidência da Igreja Adventista do Sétimo Dia surgiu remontam aos anos de 1860.

Como em toda narrativa sobre as origens de um movimento, a realidade se perde entre os mitos fundantes, descrito sob os mais diversos olhares. A obsessão das origens⁶ assim, não significa ter uma exatidão sobre o passado, mas analisá-lo sob alguma perspectiva de causas que possibilitaram algum evento.

⁴ Se utiliza o conceito de Bourdieu para quem a sociedade resulta de relações recíprocas, onde campo é campo de forças, com agentes sociais competindo em diferentes posições e utilizando estratégias para tentar dominar o campo e obter hegemonia sobre os demais. BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p. 261.

⁵ BARRERA, Pablo. *Fragmentação do sagrado e crise das tradições na pós-modernidade: desafios para o estudo da religião*. In: TRANSFERETTI, José. GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Teologia na pós-modernidade – abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 438.

⁶ Expressão de Bloch para quem a noção de ponto inicial nos relatos históricos é “singularmente fugaz”. O que se deve buscar então, são as investigações de um evento, visto que este é entrecortado por outros eventos. BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. São Paulo: Zahar, 2002, p.56.

Parte dos fatos que narram o surgimento do Movimento da Reforma, surgido da Igreja Adventista do Sétimo Dia, estão registrados na obra de Helmut H Kramer, um ex-adepto que durante 20 anos serviu a organização, ocupando os cargos de evangelista, pastor e administrador. Sua narrativa é permeada de termos que destacam a Igreja Adventista do Sétimo Dia como seguidora dos verdadeiros princípios bíblicos. Para isso, o autor utiliza a expressão Espírito de Profecia⁷. De início o autor destaca que sua intencionalidade é mostrar o erro daqueles que aderiram ao movimento reformista, se referindo ao mesmo como facção, excomungados, descontentes e protestadores por confundirem “zelo e fanatismo com consciência”⁸.

Ao abordar os motivos e ações dos divergentes as decisões sobre o posicionamento da denominação na guerra, o autor é enfático em afirmar que estas eram próprias de insensatos e malignos, que interrompiam as reuniões, demonstravam por fim, o verdadeiro caráter rebelde dos dissidentes.

Os líderes do movimento reformista também são descritos como inconstantes, incoerentes e anticristãos que, conduziram muitos ao engano. Kramer destaca que esses líderes abandonaram o movimento reformista, começaram movimentos próprios, mas que no final de suas vidas, um morreu em uma instituição de doentes mentais e outro se tornou nazista⁹.

Em 1861, uma comissão de ministros da igreja recomendou aos adeptos da Igreja Adventista do Sétimo Dia “guardar os mandamentos de Deus e a fé em Jesus Cristo”. Com o início da guerra de secessão nos Estados Unidos, a

⁷ Esta expressão é utilizada 48 vezes na obra de Kramer, sempre vinculada a outra expressão: “Assim diz o Senhor”, sempre nessa ordem. A primeira faz alusão aos escritos de Ellen White, profetisa da Igreja Adventista do Sétimo Dia, enquanto a segunda é retirada da Bíblia. Revela-se uma intencionalidade de fazer uma equiparação entre os dois escritos com a primazia de White em algumas citações.

⁸ KRAMER, Helmut H. *Os Adventistas da Reforma*. Trad. Francisco Alves de Pontes. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1991. p. 112.

⁹ Neste momento se percebe um anacronismo, visto que, o autor contemporâneo passa a julgar o nazismo como um movimento reprovável, mas que, na época da 1ª Guerra Mundial, a IASD fazia orações pela vitória alemã.

Igreja se posiciona contra o porte de arma entre seus adeptos que fossem chamados ao serviço militar, pois isto, contrastaria com os mandamentos de Deus. Uma primeira opção aos adeptos convocados, seria o pagamento de US\$ 300 para que fossem dispensados, ou, em último caso, estes deveriam adotar uma atitude de não combate, visto ser a guerra, porte de arma e possibilidade de ferir e matar alguém aspectos contrários a lei divina¹⁰.

Para sustentar seu discurso, a liderança da IASD daquela época reforçava ações que garantiam sua posição contrária a guerra, excluindo aqueles que se alistassem.

Se alguém ousasse se posicionar contra os mandamentos de Deus, a igreja então tomava as providências necessárias para que sua moral em face do mundo não fosse deteriorada. [...]

Como o alistamento voluntário no serviço da guerra é contrário aos princípios de fé e prática dos Adventistas do Sétimo Dia, conforme estão contidas nos mandamentos de Deus e na fé de Jesus, eles não podem reter dentro de sua comunhão aqueles que assim se alistam. Enoch Hayes foi, portanto, excluído do quadro de membros da igreja de Batlle Creek por um voto unânime da igreja, em 4 de março de 1865.¹¹

No discurso dos líderes da IASD, se percebe a ilusão de reversibilidade¹², onde inexistente espaço para qualquer troca ou contestação, pois, a voz de Deus se faz presente na fala de seus representantes autorizados. O autoritarismo é uma característica do discurso religioso que se fundamenta no binômio “dever-fazer mesclado com o não-dever-fazer”¹³.

¹⁰ OS ADVENTISTAS DA REFORMA. *Quando e porque surgiu o movimento da Reforma*. 04/09/12. Disponível em: <<http://adventistas-reformistas.blogspot.com.br/2012/09/>> Acesso em 12 abr 2018.

¹¹ KRAMER, 1991. p. 112.

¹² ORLANDI, E. P. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1987.

¹³ FIORIN, José Luiz. *O regime de 1964 – Discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988.

Uma mudança no discurso dos líderes da IASD em relação ao porte de arma ocorreu quando iniciou a primeira guerra mundial em 1914. Em comunicado ao ministério da guerra alemã, a União leste da IASD afirmava que conquanto devesse obedecer aos preceitos das sagradas escrituras, mas considerando a gravidade da guerra, estariam unidos em defesa da pátria, e sob estas circunstâncias também portariam armas no sábado, realizando ainda orações pela vitória alemã.¹⁴

Essa nova postura gerou descontentamento entre alguns membros da IASD que consideravam essa posição contrária aos princípios das sagradas escrituras defendidos inicialmente na guerra da secessão americana. Registros mencionam um percentual de 2% de descontentes que, foram excluídos.

Noventa e oito por cento de nossos membros chegou, pelo estudo da Bíblia, à convicção de que a consciência manda defender a pátria com armas também no sábado. Esta opinião, apoiada por todos os membros da diretoria, foi imediatamente comunicada ao ministério da guerra. Dois por cento, porém, não concordaram com esta decisão, sendo por fim excluídos por motivo de seu comportamento indigno de um cristão. Estes elementos insóbrios [...] Chamam-se falsamente pregadores e adventistas, quando não os são; são enganadores.¹⁵

A mudança de postura mostra a contradição de entendimentos, pois se antes compreenderam que pegar em armas significava transgredir o modelo de conduta cristã, e anos depois mudam o posicionamento e passam a admitir fazer parte de uma guerra política, demonstra antes de tudo, que o ensinamento bíblico não é o bastante para determinar as regras de conduta de um grupo social, mas sim a sua

¹⁴ KRAMER, 1991, p. 26.

¹⁵ VERDADE, Arauto da. *Quando e por que surgiu o movimento da reforma*. 04 set. 2012. Disponível em: <http://adventistas-reformistas.blogspot.com/2012/09/quando-e-por-que-surgiu-o-movimento-de_4.html> Acesso em: 20 mai. 2018.

interpretação e conveniência política momentânea. Nisso confirma as reflexões de Bourdieu quando enumera o conflito existente no interior dos grupos religiosos e os diferentes interesses que determinam a manutenção da unidade institucional ou a ruptura e portando, neste caso, a dissidência. A mudança ideológica visa a manutenção do poder, e aqueles que não aceitam são convidados a se retirar ou saem por si, para erguer outra igreja.¹⁶

Ao princípio da guerra havia alguns membros, como também os há noutros lugares, os quais não queriam participar do serviço de guerra, já por sua falta de união, já por fanatismo. Estes começaram a espalhar seus escrúpulos na congregação, verbalmente ou por escrito, visando outros a fazer o mesmo. Foram exortados pela igreja, porém, devido à sua obstinação, tiveram que ser expulsos, pois que se tornaram uma ameaça à paz interna e externa.¹⁷

Após cinco anos de conflitos internos, os descontentes organizaram em 1919, a Sociedade Missionária Internacional Adventista do Sétimo Dia. Posteriormente, a organização mudou o nome para Adventista do Sétimo Dia – Movimento da Reforma.

Contudo, toda narrativa histórica se articula em um ambiente de dualidade, imposições e produção de sentidos. O passado sempre está em disputa. Assim, não se pode afirmar que exista a história, mas versões sobre determinado fato histórico. A escolha por registrar os fatos pela ótica dos reformistas perpassa a necessidade de se encontrar um ponto de contato entre as duas versões. As causas sobre o surgimento do Movimento da Reforma de dentro da IASD não foge a este conflito de versões.

Uma versão paralela sobre os motivos da dissidência do Movimento da Reforma é feita no site da instituição, denominado Os Adventistas da Reforma¹⁸. Uma reportagem de

¹⁶ BOURDIEU, 1996.

¹⁷ VERDADE, Arauto da, 2012.

¹⁸ VERDADE, Arauto da, 2012.

2012 descreve quando e por que surgiu o movimento da reforma. O texto, sem autoria, é assinado pelo pseudônimo Arauto da Verdade.

A narrativa é construída de maneira a demonstrar que a dissidência foi um movimento espontâneo que visava preservar os mandamentos bíblicos que estavam sendo negligenciados pela liderança da IASD e, que por isso, foram perseguidos e, posteriormente expulsos. Em várias passagens expressões como cruel e amarga decepção, combate e perseguição aos que permaneciam na plataforma da verdade, exclusão daqueles que permaneceram fiéis aos princípios originais da Igreja Adventista e outras, são usadas para destacar a versão daqueles se achavam vitimados.

A história quando recontada pela ótica daqueles que tomaram para si o papel de vítimas é recorrente em afirmar que sua posição estava sempre alicerçada nos mandamentos divinos. O percentual de 2% de adeptos discordantes é visto como um ato de coragem daqueles que se mantiveram fiéis para enfrentar uma grande maioria que estava agindo de forma contrária as leis de Deus.

Sobre a decisão de portar arma, definida pela liderança da IASD como uma escolha pessoal e arbitrada pela consciência pessoal do adepto, os reformistas, afirmam que essa liberdade jamais deve violar as leis de Deus. Para conceder maior força aos seus argumentos, tomam como exemplo a figura mítica-bíblica de Lúcifer que, tendo a liberdade de escolha, preferiu transgredir a vontade divina. Semelhantemente a narrativa histórica da IASD, o Movimento da Reforma também faz referência aos escritos de White, como a verdadeira igreja que se manteve fiel aos ensinamentos bíblicos. Seus escritos sempre são citados em associação direta a passagens bíblicas, como que fazendo uma conexão entre ambos e dando peso similar aos dois escritos. Entre as duas instituições se instaura uma verdadeira guerra sobre quem detém o monopólio para utilizar os escritos de White como instrumento de defesa e sustentação de seus argumentos.

Toda essa tensão e disputa dos líderes destas instituições, que ocupam lados opostos, pode ser melhor

analisada a luz da teoria de campo¹⁹, que é uma das categorias centrais da teoria de Bourdieu.

Bourdieu afirma que a religião cumpre funções sociais, pois os leigos²⁰ não esperam dela somente “justificativas de existir capazes de livrá-los da angústia existencial, da contingência e do sentimento ou mesmo da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte”²¹, mas contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada.

Por essa razão, a religião assume funções ideológicas por permitir “a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular”²², isto quer dizer que, as condições de existir são determinadas pela religião de acordo com a posição que grupos ou classes ocupam. Nessa função ideológica, a religião impõe princípios de estruturação de percepção do mundo social, na medida em que estabelece sistemas de práticas e de representações. Estas são estratégias de diferentes grupos em competição pelo monopólio dos bens de salvação e das diferentes classes interessadas em seus serviços.

O campo religioso tem por função específica satisfazer um tipo particular de interesse, neste caso, o religioso; o que leva o leigo a esperar de certas categorias de agentes que realize “ações mágicas ou religiosas”, “a fim de que tudo ocorra bem para ti e para que vivas muito tempo na terra”.²³ Assim, o campo religioso se constitui num espaço onde os bens de salvação estão em jogo, e os grupos que competem pela sua manipulação elaboram diferentes visões de mundo, determinando maneiras de ser e de ver a realidade social, por

¹⁹ Bourdieu sistematizou sua teoria de campo no artigo “Gênese e estrutura do campo religioso” publicado em 1971. In: CAVALCANTI, Vinícius Manrique. *Bourdieu leitor de Weber: pistas para uma gênese do conceito de campo*. Rev. Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE, Recife, 2012. p.26-46.

²⁰ Definidos “como profanos, no duplo sentido de ignorantes da religião e de estranhos do sagrado”. BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Org. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 43

²¹ BOURDIEU, 2007, p. 48

²² BOURDIEU, 2007, p. 46

²³ BOURDIEU, 2007, p. 84

isso que a religião para Bourdieu é um sistema simbólico de comunicação, por comunicar diferentes visões de mundo.

Considerando que, tanto a IASD quanto o Movimento da Reforma, podem ser considerados como agentes ativos no campo religioso no qual disputam os leigos, estes oferecem princípios pelos quais os mesmos podem estruturar sua realidade social. Assim, a realidade é analisada pelo prisma religioso e todos os julgamentos sobre as ocorrências da vida tem como base as orientações, práticas e representações que fundamentam o estilo de vida, já definido, como o único e aceitável para um adepto do adventismo. Isso é ressaltado na declaração emitida pelos líderes da IASD durante a guerra de secessão nos EUA.

A denominação dos cristãos chamados Adventistas do Sétimo Dia, tomando a Bíblia como regra de fé e prática, [...]. [...] a qual consideramos a mais suprema lei, e aceitamos cada preceito da mesma literal e absolutamente. [...] Segundo nosso modo de ver [...]²⁴.

Ao alegar uma mudança em relação a possibilidade de um adventista portar arma no início da 1ª guerra mundial, seus líderes invocam como fundamento a responsabilidade social da igreja e, por isso, “nos unimos em defesa da Pátria, [...] rogando a Deus a vitória das armas alemãs”²⁵. De maneira inversa, os líderes do Movimento da Reforma também fazem referência a esta imagem “para que sua moral em face do mundo não fosse deteriorada”²⁶. Assim, o que está em jogo é o lugar de existência na sociedade. Ambos discursos são marcados pela defesa a posição social na estrutura denominacional na sociedade.

Outra característica do campo religioso é a existência de um grupo especializado na produção dos bens simbólicos ou religiosos (o clero), composto de sacerdotes, profetas, feiticeiros, e de um grupo que produz excedentes econômicos (os leigos) para sustentar esse grupo especializado, que em troca produz o sustento espiritual, que são as práticas, normas e orientações para a vida. Bourdieu chama essa transação entre a igreja e os

²⁴ VERDADE, 2012, p. 1

²⁵ VERDADE, 2012, p. 3

²⁶ VERDADE, 2012, p. 3

fiéis (leigos) de economia dos bens simbólicos, cujo preço do serviço deve ser implícito, pois uma igreja não pode negociar abertamente a salvação, senão dá-se a crise, como ocorreu com a igreja Católica, através da Reforma Protestante.

Os especialistas da religião se defrontam constantemente no campo religioso pelas demandas dos leigos. Estes, no campo religioso esperam da religião e dos seus especialistas justificativas para sua posição social, logo os especialistas legitimam através de conceitos teológicos a posição dos mesmos na estrutura social. Vale destacar dois destes especialistas: o sacerdote e profeta. O primeiro, por excelência, é o representante e o defensor da religião legitimada e instituída. Ele,

[...] dispõe de uma autoridade de função que o dispensa de conquistar e de confirmar continuamente sua autoridade [que] o protege das consequências do fracasso de sua ação religiosa”. O profeta é o mais influente, é aquele que tem o domínio “dos princípios de uma visão (quase) sistemática do mundo e da existência.”²⁷

A autoridade do profeta confere a ele o monopólio na manipulação dos bens de salvação e o direito de gerir o sagrado. Em circunstâncias extraordinárias de crises ele produz por seu discurso uma nova concepção religiosa, um novo entendimento, tendo carisma ou não. A ele compete ainda ser o mandatário de um corpo sacerdotal. Assim, há uma estrutura de poder organizada para dominar os demais agentes.

Na teoria weberiana, a dominação se manifesta em três formas específicas: a dominação carismática, que é exercida de forma extraordinária, irracional e que não conhece regras, sendo, portanto, revolucionária. A dominação burocrática, é baseada na crença na legitimidade das ordens e do direito de mando daqueles que, em virtude dessas ordens, são nomeados para exercer a dominação legal. E a dominação tradicional, baseada na crença cotidiana na santidade das tradições

²⁷ BOURDIEU, 2007, p. 89.

vigentes desde sempre e na legitimidade daqueles que, em virtude dessas tradições, representam a autoridade²⁸.

Nos relatos da IASD e do Movimento da Reforma, Ellen White é sempre identificada como a pena inspirada que profetiza, Espírito de Profecia e outros adjetivos, sempre com o objetivo de respaldar seus escritos como divinamente inspirados, inquestionáveis e dignos de confiança. Seus escritos (discursos) são a base para diversas ações, normas e procedimentos internos nas duas instituições. Suas epifanias são elevadas ao grau máximo de confiabilidade. Essa confiabilidade é fonte da tensão entre as duas instituições, pois, enquanto a IASD assegura que, a possibilidade de portar arma e participar de uma guerra é uma questão de consciência individual, o Movimento da Reforma afirma que não, tendo como base os escritos de sua profetisa.

Essa tensão concorrencial é sempre presente no campo religioso. Uma disputa entre os especialistas da religião sobre quem detêm o “monopólio do exercício legítimo do poder de modificar em bases duradouras e em profundidade a prática e a visão de mundo dos leigos, impondo-lhes e inculcando-lhes um habitus religioso particular [...]”.²⁹

Enquanto o sacerdote possui uma autoridade fundamentada na tradição e na estrutura, embira sem carisma, o profeta só dispõe do discurso e do carisma, o que gera uma tensão constante, onde um procura estratégias para deslegitimar o outro, na busca pelo monopólio dos bens de salvação ofertado aos leigos. É essa força carismática dos profetas que lhe possibilita exercer sobre os leigos uma ação propriamente simbólica de mobilização e sistemas de justificativas de existir.

White é a figura dotada de carisma da IASD que se adequa aos requisitos do profeta, e que através de seus discursos mobiliza os leigos para uma ação contrária a estrutura. Para Weber, o carisma que envolve a ação de alguém é difusa e incontrollável. Sua experiência faz com que seu detentor fique em uma situação à parte, e venha a ser considerado por outras pessoas como um ser dotado de poderes excepcionais, com qualidades sobrenaturais e sobre humanas. Ele é revestido dos poderes divinos, um mensageiro

²⁸ WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Universidade de Brasília: Brasília, 2004. p. 141

²⁹ BOURDIEU, 2007, p. 88

de um discurso do sobrenatural, pelo sobrenatural e para o sobrenatural³⁰.

Contudo, nem mesmo a força carismática do profeta pode modificar de modo duradouro a conduta da vida e a visão de mundo dos leigos, a não ser fundar uma comunidade (igreja) capaz de perpetuar numa instituição apta a exercer uma ação de imposição e inculcação duradora e contínua. Foi esse processo de estruturação de uma visão capaz de influenciar o modo de perceber a realidade que fundamentou o surgimento do Movimento da Reforma como dissidência da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Outra figura relevante no campo religioso é o leigo. Sua ação em geral é apenas de consumidor dos bens de salvação oferecidos pelos especialistas religiosos. Contudo, nos últimos anos estes passaram a ter influência além de suas necessidades, ou seja, não querem somente justificativas sobre a posição que ocupam na estrutura social. Estes estão exigindo bens de salvação que lhes permita mudar de posição na estrutura social. Por fim, deve-se destacar o nome escolhido pelo Movimento da Reforma para se destacar e se diferenciar da IASD. Kramer destaca que inicialmente os dissidentes adotaram o nome Sociedade Missionária Internacional dos Adventistas do Sétimo Dia. Contudo, este foi mudado para Adventista do Sétimo Dia – Movimento da Reforma, visto que o primeiro nome escolhido estaria em confronto direto com as declarações feitas por Ellen White sobre um grupo dissidente que surgiria.

Conclusão

A IASD-MR, teve sua origem a partir de uma ruptura com a Igreja Adventista do Sétimo Dia, devido a conflitos quanto a participação dos seguidores na segunda guerra mundial. Os conflitos ideológicos levaram a criação da IASD-MR, por 2% de seguidores excluídos da IASD. Os movimentos religiosos acontecem devido, entre outros, a fatores externos que provocam tensões e rupturas gerando novas características ideológicas.

Apesar dos esforços para aproximação entre os adeptos que não aceitaram a participação na guerra, não foi possível o

³⁰ WEBER, 2004, p. 138

entendimento. Entretanto, ambas tem em Ellen White sua base profética. A diferença entre as duas ideologias diz respeito a rigorosidade das tradições preservadas pelos Movimento de Reforma.

Observa-se que os conflitos de ordem ideológica são também de disputas de poder no campo religioso, fazem parte de um sistema de representações que a visa a transmissão da identidade religiosa, portanto da ideologia, de determinados grupos. Constitui-se em espaço de disputa de bens religiosos, ao mesmo tempo de diferentes visões de mundo.

Referências

ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim – hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. 3^a ed. São Paulo: Arte, 2005, p. 81.

BARRERA, Paulo. Matrizes protestantes do pentecostalismo. In: João Décio Passos (org.). *Movimentos do Espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais*. São Paulo: Paulinas, 2005.

BARRERA, Pablo. Fragmentação do sagrado e crise das tradições na pós-modernidade: desafios para o estudo da religião. In.: TRANSFERETTI, José. GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Teologia na pós-modernidade – abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. São Paulo: Zahar, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Org. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007a.

CAVALCANTI, Vinícius Manrique. *Bourdieu leitor de Weber: pistas para uma gênese do conceito de campo*. Rev. Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE, Recife, 2012. p.26-46.

FIORIN, José Luiz. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988.

JORNAL de Dresden Neueste Nachrichten. Alemanha. 12 de abril de 1918.

JORNAL Stuttgarter Neues Tageblatt, Alemanha. 26 de setembro de 1918.

KRAMER, Helmut H. *Os Adventistas da Reforma*. Trad. Francisco Alves de Pontes. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1991.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais – sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005.

OS ADVENTISTAS DA REFORMA. *Quando e porque surgiu o movimento da Reforma*. 04/09/12. Disponível em: <<http://adventistas-reformistas.blogspot.com.br/2012/09/>> Acesso em 12 abr 2018.

ORLANDI, E. P. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1987.

VERDADE, Arauto da. *Quando e por que surgiu o movimento da reforma*. 04/09/12. Disponível em: <http://adventistas-reformistas.blogspot.com/2012/09/quando-e-por-que-surgiu-o-movimento-de_4.html> Acesso em 20 mai 2018.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Universidade de Brasília: Brasília, 2004.